

América Latina

Cem dias de Lula

Renato Janine Ribeiro

No centésimo dia do governo de Lula, em inícios de Abril, um leitor escreveu para a *Folha de S. Paulo*: "O primeiro mandato de Fernando Henrique Cardoso foi ruim, o segundo péssimo, e o terceiro está sendo uma catástrofe". Tudo, nesta piada, é um enorme exagero - mas soa plausível, dado que as diferenças entre o actual governo e o anterior, embora sendo de partidos opostos, estão sendo menores do que se esperava.

Manteve-se uma política fiscal austera; aos funcionários públicos, que mal tiveram aumentos nos últimos oito anos, enquanto o dólar subia quatro vezes, deu-se apenas um por cento de reajuste; a Previdência Social está para sofrer uma reforma que penalizará os servidores do Estado mais do que o PSDB jamais sonhou. Em suma, a agenda parece-se muito com a de Fernando Henrique.

O contraste é chocante, com as expectativas que a eleição de Lula suscitou. Pela primeira vez, o Brasil tem um presidente de esquerda, eleito em condições incontestadas e aceite pelas classes dominantes e o império norte-americano. Numa entrevista ao Jornal Nacional, da Rede Globo, em Novembro, depois de responder às perguntas de praxe sobre a moeda, a inflação, o défice, Lula reagiu: "E da miséria, vocês não falam nada?". A frase marcou uma nova agenda. Os fins sociais passariam a prevalecer sobre a preocupação com os meios, em especial com o meio circulante, característica da gestão Pedro Malan na Fazenda, ao longo dos oito anos do governo PSDB.

Três semanas depois de sua posse, logo antes de ir a Davos, Lula foi falar no Fórum Social Mundial, em Porto Alegre. Assisti a seu discurso. Foi seu momento mais alto. Seu modo de expressar-se é quase oposto ao de Cardoso. Lula conta histórias. Cardoso falava dentro de quatro paredes, com celulares desligados; Lula falou ao ar livre, num ambiente que parecia quermesse. O ex-presidente tinha um discurso racional, de cientista político, e adorava comentar a ética weberiana da responsabilidade, com os limites que ela coloca às boas intenções.

Já o novo presidente tem um modo de falar que faz a razão emanar do afecto. Contou que vinte anos atrás a liderança empresarial paulista pediu ao comandante militar do Sudeste

que o prendesse, e que sua reacção foi procurar o general, conversando com ele três horas. Explicou que sempre foi adepto de conversar com o outro lado – hoje, Davos – e prometeu que não diria coisas diferentes nas duas cidades, o que de facto fez, ganhando do Le Monde o epíteto de estadista. Como se tivesse lido O Narrador, de Walter Benjamin, extraía suas ideias de histórias exemplares de sua vida. Compreende-se que conseguisse o aval da maior reunião anti-neoliberal do mundo a seu encontro com os líderes das finanças globais. Uma façanha.

Para completar o bom começo de Lula: entre seus méritos, está a própria continuidade em relação a Cardoso. Não assustou os empresários, reduziu a inflação, o dólar e o risco-país.